



PRINCIPAIS HEMATOZOÁRIOS EM EQUINOS

TRIPANOSSOMIASE EQUINA

Doença causada pelo **Trypanosoma evansi equinum** comumente denominada de surra, “mal das cadeiras” ou “peste quebra-bunda”. É transmitida mecanicamente por insetos hematófagos das famílias Tabanidae e Stomoxidae e por morcegos hematófagos (*Desmodus rotundus*).

No Brasil, *T. evansi* afeta principalmente eqüinos e a prevalência varia de uma região para outra (Dávila & Silva, 2000; Herrera et al., 2004). A doença é enzoótica no Pantanal mato-grossense, onde assume grande importância, pois esses animais são amplamente usados para o manejo de bovinos (Silva et al., 1995a; Aquino et al., 1999). Fatores de estresse como má nutrição e fasciolose, podem diminuir a resistência desses animais e exacerbar os sinais clínicos.

A doença causada por *T. evansi* é caracterizada por rápida perda de peso, graus variáveis de anemia, urticária, febre intermitente, edema dos membros pélvicos e das partes baixas do corpo, fraqueza progressiva, perda de peso. A anemia é de natureza hemolítica em resultado da eritrofagocitose no baço, no fígado, nos pulmões, nos nódulos linfáticos, na medula óssea e na circulação sangüínea (JAIN, 1993). Nos estádios crônicos, os animais tornam-se fracos, as membranas mucosas encontram-se pálidas, alguns ictericos, com nódulos linfáticos superficiais intumescidos e apresentam incoordenação motora com paralisia dos membros posteriores (MONZON et al., 1991). Os animais afetados podem morrer dentro de semanas ou poucos meses, mas podem ocorrer infecções crônicas com evolução de muitos meses. Sinais neurológicos encefálicos têm sido raramente descritos na fase terminal da doença em equinos.

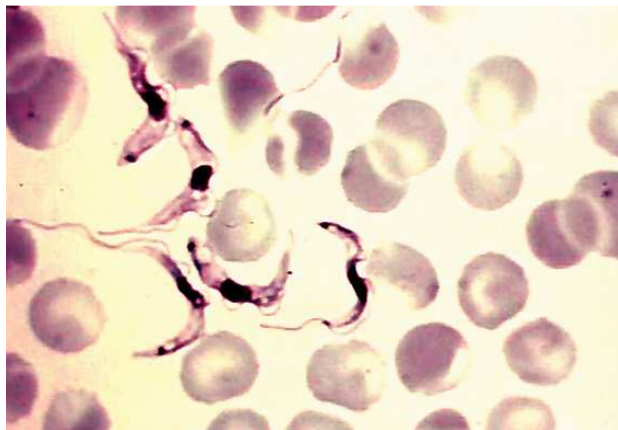


Figura 1: *Trypanosoma evansi* - Fonte: www.biw.kuleuven.be

BABESIOSE EQUINA

A babesiose eqüina, também conhecida como febre biliar ou piroplasmose eqüina é uma enfermidade febril que acomete cavalos, asnos e seus híbridos. É transmitida por carrapatos. A doença caracteriza-se em sua forma aguda, pelo surgimento de febre, às vezes de natureza intermitente, anemia, icterícia, hepato e esplenomegalia. Bilirrubinúria e hemoglobínúria podem estar presentes na fase final da doença (DE WAAL, 1992). Apesar da gravidade da infecção aguda, a maioria dos animais desenvolve a forma crônica, podendo apresentar reagudizações em situações que determinem a diminuição da taxa de anticorpos, como stress. Esta condição provoca prejuízos

diretos, representados principalmente pela queda de performance dos animais, moderada inapetência e perda de peso.

No Brasil, o carrapato *Boophilus microplus* tem importância relevante na transmissão da ***Babesia equi* (*Theileria equi*)**, portanto vem sendo considerado o principal vetor de transmissão. Já em relação à ***Babesia caballi***, alguns estudos comprovam a participação do carrapato da orelha (*Anocentor nitens*) no ciclo e transmissão

Observações de casos clínicos de babesiose em neonatos sugerem haver transmissão transplacentária da babesia.

SINTOMAS CLÍNICOS

Os animais doentes podem apresentar clinicamente febre, anemia, petéquias ou até hemorragias de membranas mucosas, icterícia e hemoglobinúria. Após o período de incubação que é de cerca de 8 a 10 dias, o primeiro sinal evidente é o aumento de temperatura corpórea, que pode se apresentar em picos ao final da tarde. A anemia é causada pela diminuição no número de eritrócitos, havendo hemólise intravascular, resultando em liberação de hemoglobina e deposição de bilirrubina nos tecidos (icterícia).

A parasitemia, no caso da *Babesia caballi* pode chegar a 1% das células, da linhagem vermelha e dificilmente o animal morre de anemia, mas principalmente pela formação de microtrombos. No caso da *Theileria equi* a parasitemia é maior, comumente por volta de 7% dos eritrócitos, mas em animais imunodeprimidos ou sem qualquer contato prévio, a parasitemia pode chegar a 80% e a morte se dá por anemia aguda.

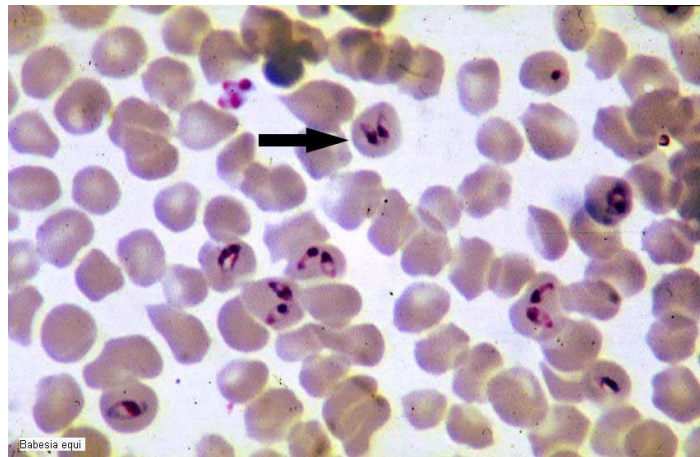


Figura 2: *Babesia equi* - Fonte: commons.wikimedia.org

EHRLIQUIOSE EQUINA

A Ehrlichiose Monocítica Equina (EME) é uma doença de caráter infeccioso, porém não contagiosa, sendo decorrente da infecção de animais por uma ***Neorickettsia* (*Ehrlichia*) *risticii*** (Holland et al., 1985). A EME tem característica sazonal, manifestando-se nas épocas do ano cuja temperatura é mais elevada, acometendo equinos criados em propriedades de regiões alagadiças (Atwill et al. 1994).

Os animais com EME podem desenvolver diarreia, febre, desidratação e anorexia, com variação do quadro clínico de leve a severo terminando com a morte dos animais. As alterações patológicas mais consistentes de EME são a presença de conteúdo fluido no cólon maior e ceco, e áreas de hiperemia com extensão e distribuição variáveis na mucosa do órgão. O conteúdo presente no intestino delgado varia de consistência mucosa a aquosa, com áreas da mucosa apresentando hiperemia e congestão, podendo ocorrer áreas com lesões intercaladas por áreas sem lesão.

Já a Erliquiose Granulocítica Equina, (EGE) é uma enfermidade sazonal, normalmente auto-limitante em equinos, causada por uma riquetsia denominada ***Anaplasma phagocytophila*** (anteriormente *Ehrlichia equi*). Os principais sinais clínicos são febre, letargia, anorexia, edema nos membros, hemorragia petequeal, icterícia e relutância em se mover.

DIAGNÓSTICO LABORATORIAL

O diagnóstico laboratorial das hemoparasitoses equinas é importante por auxiliar na escolha de medidas de tratamento e controle, ou até mesmo nos processos de importação e exportação de equinos. O exame direto ao microscópio pode ser muito útil para os casos agudos quando há alta

parasitemia. Várias técnicas sorológicas podem ser usadas para detectar as hemoparasitoses. As mais comuns são a Fixação do Complemento, a Imunofluorescência e o Elisa. Mais recentemente as técnicas de biologia molecular têm sido muito estudadas.

O **TECSA Laboratórios** disponibiliza os seguintes diagnósticos laboratoriais:

CÓD	EXAME	RECIPIENTE P/ COLETA	PRAZO (dias)
39	HEMOGRAMA COMPLETO	TUBO TAMPA ROXA	1
358	PESQUISA DE HEMATOZOÁRIOS	TUBO TAMPA ROXA	1
641	PESQUISA DE TRYPANOSOMA EVANSI EQUINO	TUBO TAMPA VERMELHA	5
531	PESQUISA DE BABESIA IgG (Imunocromatografia)	TUBO TAMPA VERMELHA	3
328	PESQUISA DE EHRLICHIA IgG (Imunocromatografia)	TUBO TAMPA VERMELHA	2
633	BABESIA SP - METODO PCR REAL TIME QUALITATIVO	TUBO TAMPA ROXA	7
615	EHRlichia CANIS - METODO PCR REAL TIME QUALITATIVO	TUBO TAMPA ROXA	5
570	PERFIL CHECK UP GLOBAL DE FUNÇÕES	TUBO TAMPA VERMELHA + TAMPA CINZA (Glicose)	1



“O que você quer na próxima DICA? Responda a este e-mail e nos dê a sua sugestão, opinião ou dúvida. Teremos o maior prazer em ouvi-lo.”

EQUIPE DE VETERINÁRIOS - TECSA Laboratórios
Primeiro Lab. Veterinário certificado ISO9001 da
América Latina. Credenciado no MAPA.
PABX: (31) 3281-0500 ou 0300 313-4008
FAX: (31) 3287-3404
tecsa@tecsa.com.br
RT - Dr. Luiz Eduardo Ristow CRMV MG 3708

facebook

Facebook: TecsA Laboratorios

WWW.TECSA.COM.BR



INDIQUE ESTA DICA TECSA PARA UM AMIGO

“Você recebeu este Informativo Técnico, pois acreditamos ser de seu interesse. Caso queira cancelar o envio de futuros emails das DICAS TECSA (Boletim de Informações e

Dicas), por favor responda a esta mensagem com a palavra CANCELAMENTO no campo ASSUNTO do email. ”